



Assine NET

São Paulo, terça-feira, 28 de janeiro de 1997 **FOLHA DE S.PAULO** **opinião**[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)

## Reeleição e os dinossauros

**HERBERT DE SOUZA**

O governo FHC não tem uma agenda para o Brasil, mas para uma ficção produzida na cabeça de meia dúzia de economistas e de uma elite que tenta ordenar o mundo de acordo com dogmas que alguns insistem em chamar de neoliberais. Na verdade, são os globalistas de sempre.

O país passou a ser um campo de operação e um detalhe. Nessa nação fictícia, não há dúvidas, só certezas; não há choro, só sorrisos; não há ética, mas conveniências; não há inimigos, mas chatos. Política tem data, nome, interesses e objetivos. Esse é o caso do debate sobre a reeleição no Brasil.

Reeleição é uma nova eleição, o poder pode ser exercido sob as mais variadas formas, e a continuidade administrativa é uma vantagem. Quatro anos é muito pouco, e tudo acaba sofrendo interrupções que se transformam em grandes desperdícios.

A justificativa, a globalização, exige mais estabilidade e maiores garantias para os investimentos, que precisam ser pensados a longo prazo. O governo é uma obra essencialmente pessoal ou programática e partidária? A personalização do poder não é um atraso no processo democrático, que deve ser impessoal e fundado em idéias, objetivos e processos políticos e sociais? Se FHC estivesse mal nas pesquisas, a tese da reeleição estaria sendo discutida? Se o Real fosse um fracasso, estaríamos falando dessas coisas e votando a mudança constitucional a toque de caixa?

Temos um presidente que parece reger uma orquestra, intercalando momentos de dramaticidade, leveza, bravura, quando a partitura exige. É tão bom que, às vezes, dispensa os músicos. Aliás, a música está em "playback". O poder está no jogo. E no jogo prevalecerão os interesses das elites que mandam neste país.

O povo vai assistir a tudo isso e, talvez, até aplaudir o espetáculo, se ele for bem-feito. É claro que, nessa reeleição, Fernando Henrique sai na frente, e assim a corrida não será democrática. O que custa esperar quatro anos e concorrer de novo? Renovado e lembrado pela população? JK seria eleito hoje se estivesse vivo? Creio que sim.

A reeleição tornou-se uma novela; apesar de todos conhecerem seu desfecho, parece não terminar nunca. As reformas são negociadas "ad aeternum" para dar mais lucros a todos e não mudar coisa alguma.

Os argumentos de defesa do governo são jurássicos: por que mudar, se tudo está funcionando? O país cresce, a pobreza diminui, o real é

forte. A linguagem dominante é: estabilização, abertura, equilíbrio fiscal, reforma do Estado. Mas indicadores como condições de vida, salário, renda e, principalmente, emprego são regados a uma indiferença profunda. Não existe uma agenda nacional.

Qual a duração ideal do mandato de um presidente: 4, 5, 8, 12 ou 16 anos? Impossível encontrar uma resposta objetiva para a questão, porque ela está colocada fora do tempo e do espaço, e, sem referência a um contexto político concreto, qualquer resposta não passará de palpite. No entanto, é assim que é discutida a questão. A maneira de fazê-lo consiste em desviar a atenção para aspectos secundários, detalhes irrelevantes, pormenores pitorescos.

Na tradição constitucional brasileira, os mandatos presidenciais são de quatro anos. Sarney governou cinco. Os presidentes militares, seis. Lá fora, Bill Clinton governará oito.

Esses períodos de duração de mandatos presidenciais não foram verificáveis por meio de comprovações científicas. Nada disso. Em todos os casos, foram resultado de objetivos políticos concretos, de negociações entre as forças envolvidas, de fórmulas práticas destinadas a solucionar situações de fato.

O jeito é entender o espetáculo do Planalto e não tentar interferir, porque as chances são pequenas ou quase nulas. O jogo está feito. O que nos resta é deslocar a atenção para a realidade dos municípios, dos milhões de atores que vivem, respiram, trabalham e tocam a vida. Superar a ficção é desligar a TV e praticar a cidadania no concreto. Aí há muito espaço para todos nós. Hoje sou um pessimista nas alturas e um otimista na planície. Essa não tem sido a história do Brasil? Fernando Henrique parece estar transmitindo o seguinte recado: o Brasil está errado, mas está dando certo. Então, deixemos de ser chatos e assistamos ao espetáculo que ainda pode durar seis anos.

Texto Anterior: [ROTINA; IDEOLOGIA](#)

Próximo Texto: [Reeleição e plebiscito](#)

[Índice](#)

[Clique aqui](#) para deixar comentários e sugestões para o ombudsman.